

Diálogo visual sobre as implicações do trabalho com a morte e o corpo sem vida



RESUMO

Com o objetivo de utilizar a arte para promover reflexões sobre as implicações do trabalho com a morte, este estudo teórico reflexivo de natureza qualitativa apoiou-se na tecnologia educativa para uma mostra cultural, para a produção dos dados para análise, pautando-se no referencial de Paulo Freire. O corpus de análise foi constituído por imagens paradas e em movimento, selecionadas intencionalmente, utilizando recursos de busca do Google. A análise crítica dos autores, sustentada nas produções científicas utilizadas, possibilitou uma formulação discursiva sobre as implicações do trabalho com a morte, evidenciando tabus, estigmas, desvalorização social e não reconhecimento, associados ao manuseio do cadáver. A mostra cultural temática é uma tecnologia educacional que promove uma reflexão sobre fenômenos da vida e potencializa uma compreensão crítica sobre os sentidos do trabalho de profissionais que lidam com a morte.

Palavras-chave: Morte; Educação; Arte; Saúde; Saúde do Trabalhador

- * Enfermeira pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Atualmente atua como professora na Escola Técnica de Saúde do Espírito Santo. CV: <http://lattes.cnpq.br/5642763175934130>
- ** Livre Docente pela Universidade do Rio de Janeiro (UniRio). Pós-doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Direito da Faculdade de Direito de Vitória (FDV). Coordenadora de Pesquisa, Extensão e Relações Internacionais da Faculdade de Direito de Vitória (FDV). CV: <http://lattes.cnpq.br/8933361259561564>
- *** Doutor em Educação em Ciências e Saúde, no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGECSS-NUTES/UFRJ). Professor no Instituto Federal do Espírito Santo, campus de Barra de São Francisco/ES. CV: <http://lattes.cnpq.br/2417356911026531>
- **** Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal do Espírito Santo. Bolsista do Projeto de Extensão Imagens da Vida: arte - saúde - história (2019-2021); Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Oncologia - GEPONC, participando em Projeto na Linha de Pesquisa: Assistência de Enfermagem ao paciente oncológico (2020-atual). CV: <http://lattes.cnpq.br/6068333780651596>
- ***** Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). CV: <http://lattes.cnpq.br/3481759190813748>



Visual dialogue on the implications of working with death and the lifeless body

ABSTRACT

In order to use art to promote reflections on the implications of work with death, this qualitative reflective theoretical study was based on the educational technology thematic cultural exhibition for the production of data for analysis, based on the referential of Paulo Freire. The analysis corpus consisted of still and moving images selected intentionally using Google search resources. The critical analysis of the authors, based on the scientific productions used, enabled the discursive formulation on the implications of work with death, showing taboos, stigmas, social devaluation and non-recognition, linked to the handling of the corpse. The thematic cultural exhibition is an educational technology that promotes reflection on life phenomena and enhances critical understanding of the meanings of the work of professionals who deal with death.

Keywords: Death; Education; Art; Health; Occupational Health

Diálogo visual sobre las implicaciones del trabajo con la muerte y el cuerpo sin vida

RESUMEN

Con el fin de utilizar el arte para promover reflexiones sobre las implicaciones del trabajo con la muerte, este estudio teórico reflexivo, de naturaleza cualitativa, se apoya en la tecnología educativa de una exposición cultural para la producción de datos para análisis, cuya referencia es Paulo Freire. El corpus de análisis consistió en imágenes fijas y en movimiento, seleccionadas intencionalmente utilizando los recursos de búsqueda de Google. El análisis crítico de los autores, a partir de las producciones científicas empleadas, posibilitó la formulación discursiva sobre las implicaciones del trabajo con la muerte, mostrando tabúes, estigmas, devaluación social y no reconocimiento, ligados al manejo del cadáver. La exposición cultural temática es una tecnología educativa que promueve la reflexión sobre los fenómenos de la vida y potencia la comprensión crítica de los significados del trabajo de los profesionales que se enfrentan a la muerte.

Palabras clave: Muerte; Educación; Arte; Salud; Salud Laboral



A morte pode ser definida como a interrupção ou cessação definitiva da vida ou, ainda, como a separação entre alma e corpo, marcando uma passagem para outro estágio espiritual ou à vida eterna (Houaiss, 2001). Outra definição do termo, estabelecida pelo Descritor em Ciências da Saúde (DeCs), é quando cessam de forma irreversível as funções cardiovasculares, cerebrais e respiratórias.¹ Para o Direito, a morte encefálica é o indicativo do fim da vida e quando há doação de órgãos para transplantes deve ser constatada e registrada por dois profissionais médicos desvinculados das equipes de cirurgia para transplante, adotando-se critérios, protocolos clínicos e tecnologia estabelecida por resolução específica do Conselho Federal de Medicina (Meneses et al., 2010). A temática foi debatida por diversos autores em diferentes períodos da história, sob o ponto de vista de correntes de pensamento distintas. “O conceito de morte é um amálgama de ideias filosóficas, teológicas e científicas acerca do que é essencial à existência humana” (Lima, 2005, p. 6). Historicamente, os processos do viver, adoecer e morrer adquiriram nuances distintas ao longo do tempo, ao inserir novos elementos advindos dos avanços da ciência (Siqueira-Batista & Schramm, 2004). Na baixa Idade Média, a consciência da morte era íntima e compartilhada visto que, frequentemente, assolados pela fome e pelas epidemias, encaravam o próprio fim vindouro, utilizando-se do silêncio e repreensão da dor (Rodrigues, 2006).

Nos séculos XVI e XVII, o cerne do fim da vida começa a agregar novas percepções. A morte se transforma em mera putrefação, que rompe a interação entre a consciência de si e o amor aos prazeres terrenos. Tal mudança de paradigma ocorreu com o desenvolvimento do capitalismo europeu em que a burguesia passa a assumir o gozo absoluto de si, no qual a acumulação de riquezas sobrepõe ao ser. A consciência da morte exprime uma inquietação individual, esquecendo-se das representações medievais (Huizinga, 2010).

A morte ausentou-se do convívio social e doméstico, ao substituir a casa pelo hospital, passando a incumbência social dos cuidados realizados por familiares e vizinhos para o trabalhador da saúde no hospital. A expressão da dor pelo luto, antes liberada nos limites fixados pelas conveniências, a partir do século XIX ocorre com ostentação, temendo-se a morte do outro e fazendo emergir o culto moderno dos túmulos e dos cemitérios (Ariès, 2017).

O protagonismo para cuidar do corpo sem vida, ao ser deslocado da família e Igreja para equipes profissionais de saúde e funerárias, expressa o movimento de progressiva medicalização e mercantilização da vida e da morte. Estratégias publicitárias da indústria funerária que transformam a morte em mercadoria de consumo oferecem produtos diversos, como músicos, buffet, lembrancinhas, “bem-velados”, sala VIP, produção e transmissão de vídeos, velório virtual, urnas de cristal, limosines de luxo. Há, também, profissionais especializados em tanatoproaxia e necromaquiagem, que se dedicam a ocultar “a face feia da morte” e garantir que o cadáver pareça vivo e não provoque repulsa aos presentes (Veras & Soares, 2016).

Dentre os que lidam com a morte, há diversos profissionais, como o perito criminal, necromaquiador, coveiro, profissionais de saúde, profissionais do Instituto Médico Legal (IML),

¹ BIBLIOTECA VIRTUAL DE SAÚDE. Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Biblioteca Virtual em Saúde. DeCS – Descritores em Ciências da Saúde. São Paulo: BIREME. Disponível em: <http://decs.bvs.br>. Acesso em: 26 set. 2017.



tanatopraxista, fotógrafo criminal, assistente de necrotério, professores de anatomia clínica e patológica, policiais (Araújo, 2012; Silva et al., 2015; Barros & Silva, 2004). Compreender o processo de morrer e a morte sob aspecto clínico e parâmetro biopsicossocial consiste em explorar, também, questões inerentes ao processo de trabalho dos profissionais que lidam com a morte, considerando a perspectiva cultural, social e implicações na saúde desses trabalhadores. Os trabalhadores que lidam com a morte e o corpo sem vida enfrentam desafios articulados às questões inerentes ao processo de trabalho e seus riscos, além do preconceito social de lidar com a morte (Kovács et al., 2014; Ribas & Gomes, 2012; Barros & Silva, 2004; Souza & Boemer, 1998).

Referir-se ao preconceito social vinculado às ocupações laborais que lidam com o cadáver requer pensar a estigmatização no qual são submetidas as identidades sociais que não correspondem à ótica de valorização pela sociedade (Goffman, 1998). Ao construir, reconstruir e remodelar aspectos identitários deve-se considerar a interação social do indivíduo, nas relações que estabelecem no contexto ao qual pertencem (Berlatto, 2009).

Na concepção de estigma, a literatura emprega o termo “trabalho sujo”, em referência a profissões que exercem atividades desprestigiadas socialmente, no que tange à moral, questão social e aspectos físicos. A moralidade controvertida, exigência laboral de interagir com grupos ou situações permeadas por tabus ou, ainda, exercer atividades subalternas, como a sujeira, esforço físico e ocupações deletérias, inclusive, relacionadas ao cadáver são submetidas ao processo de estigmatização (Ashforth & Kreiner, 1999, 2014).

Analisar a realidade concreta dos trabalhadores que lidam com a morte implica incorporar o pensar crítico, em busca da transformação constante dos processos normalizados, superando a acomodação e o pensar ingênuo, com vistas à humanização permanente dos homens (Freire, 2005). O desenvolvimento crítico-reflexivo consiste em um dos parâmetros essenciais nas práticas em saúde. É, também, movimento que perpassa a dimensão subjetiva do indivíduo, possibilitando problematizar a realidade em que vive e, possivelmente, repensar a adoção de meios transformadores no cotidiano (Enders et al., 2004).

A arte pode ser compreendida como recurso pedagógico que aprimora certas competências, como observação, análise e empatia (Jensen & Curtis, 2008), e considera elementos humanísticos e sociais (Enders et al., 2004), integrando o indivíduo à perspectiva da “doença, limitação, vulnerabilidade, tristeza, luto, a natureza da sociedade humana, a capacidade curativa de rituais e lembranças, morte e corporalidade”, concepções inerentes ao ser e fazer humano (Tapajós, 2002, p. 31). A estratégia de integrá-la na formação profissional, não apenas aproxima as dimensões emocionais dos componentes educacionais e técnicos e científicos, como opera sobre a premissa de que razão e emoção são elementos indissociáveis (Mourthé Junior et al., 2017).

O projeto de extensão “Imagens da Vida: arte-saúde-história”, desde 2007 desenvolve atividades no âmbito da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, incluindo a estruturação de mostras culturais temáticas a partir do referencial de Paulo Freire (2005), para promover um diálogo visual crítico-reflexivo na construção e elaboração do conhecimento, potencializando a dialogicidade e um debate interdisciplinar na formação dos profissionais de saúde. Diante do



contexto atual da pandemia Covid-19, que impõe restrições de circulação e aglomeração de pessoas, a equipe do projeto tem envidado esforços para que a difusão das mostras culturais temáticas e das tecnologias educacionais elaboradas também ocorra em ambiente virtual.

A estratégia converge com um estudo realizado com 440 estudantes de Enfermagem, cuja conclusão considerou que produções artísticas são potentes recursos para promover diálogo e reflexão sobre o processo saúde-doença e enriquecem o compartilhamento de ideias e informações, ampliando o pensar crítico sobre a teoria na prática do cuidado (Roca-Roger et al., 2016). Apoiando-se nas experiências das mostras culturais temáticas realizadas no referido projeto de extensão, o presente estudo tem como questão norteadora “Como a arte pode promover o diálogo crítico e reflexivo sobre as implicações do trabalho com a morte e o corpo sem vida?”. Nessa direção, esse artigo tem como objetivo promover reflexões sobre as implicações do trabalho com a morte e o corpo sem vida, por meio da arte.

Metodologia

Estudo teórico-reflexivo de natureza qualitativa que se propõe a analisar e compreender o objeto de estudo enquanto fenômeno histórico-social, na busca de explicar a forma como a dinâmica social se estabelece, valorizando “significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (Minayo et al., 2010), marcado por experiências e subjetividades do pesquisador (Goldenberg et al., 2003).

Os dados do estudo foram produzidos com uso de metodologia de estruturação de mostras culturais temáticas, desenvolvida em projeto de extensão universitária (Rohr et al., 2016). A mostra cultural temática é uma tecnologia educacional pautada no referencial de Paulo Freire (2005) que utiliza a arte para promover um processo crítico e reflexivo sobre tema de interesse à saúde. São realizadas exposições em torno de um tema gerador, definido a partir do diálogo entre os participantes do projeto, possibilitando que os estudantes envolvidos exerçam protagonismo, liberdade e autonomia de participação, elegendo dimensões significativas para seu aprendizado, pautando-se na educação dialógica, participativa, emancipatória e libertadora. A aproximação teórica com o tema gerador definido, por meio de leituras de textos e busca de imagens, possibilita uma exploração dos temas em interação e os processos de codificação, decodificação e síntese.

O Quadro 1 apresenta as etapas de produção, análise e síntese do estudo, tendo como suporte teórico metodológico o referencial de Paulo Freire e a tecnologia educativa Mostra Cultural Temática.

A morte como dimensão significativa da realidade desencadeou inúmeras reflexões dialógicas entre os pesquisadores, evidenciando situações-limites no processo de investigação temática. As implicações do trabalho com a morte representaram o tema gerador definido pelos autores, a partir de situações existenciais concretas de estudante integrante do estudo, motivado a desvelar as situações-limites e a realidade destes trabalhadores, considerando as dimensões significativas da temática na formação e vida dos estudantes e profissionais de saúde.



Quadro 1 – Etapas de produção, análise e síntese do estudo

Referencial de Paulo Freire	Etapas de estruturação das Mostras Culturais Temáticas	Etapas da pesquisa
Diálogo/ Dialogicidade	Diálogos entre equipe do projeto de extensão	Diálogos entre os autores do estudo
Temas Geradores	Definição do tema gerador	Tema Gerador: Implicações do trabalho com a morte e o corpo sem vida
Codificação e Descodificação	Exploração temática, problematização e análise	Exploração temática, seleção e análise das categorias profissionais e imagens;
Desvelamento Crítico e Síntese	Realização da Mostra Cultural Temática potencializando Ação-reflexão-ação	Estruturação final da mostra para exibição pública, possibilitando síntese do processo

Fonte: os autores, a partir dos referenciais de Paulo Freire (2005) e Rohr et al. (2016).

Inicialmente foi estabelecida uma exploração temática, com busca e análise crítica de materiais sobre o tema, como livros e artigos científicos, imagens paradas (desenhos, pinturas, fotografias) e em movimento (filmes/ documentários), utilizando ferramentas de busca do Google Acadêmico, Google Imagens e YouTube. O processo de análise ocorreu de forma dinâmica, a partir da reflexão crítica das imagens, associada à leitura e análise dos textos e vídeos, e permeado por experiências de vida e subjetividades dos autores. A estruturação da mostra cultural intitulada “Diálogo visual sobre as implicações do trabalho com a morte e o corpo sem vida” foi pautada em pressupostos teóricos de Freire, com vistas a garantir uma perspectiva dialógica, participativa e emancipatória, e na experiência de realização de mostras culturais temáticas do projeto de extensão Imagens da Vida: arte-saúde-história, desde 2007.

A exploração temática sobre as implicações do trabalho com a morte e o corpo sem vida, alicerçada em leituras de obras seminais sobre morte e o processo de morrer, artigos científicos, vídeos e imagens, estão descritas no quadro 2.

Resultados

A aproximação com a temática permitiu identificar diversas categorias profissionais que lidam com a morte, com destaque para as profissões descritas nos vídeos documentários (perito criminal, fotógrafo criminal, anatomista, auxiliar de necropsia, necromaquiador, coveiro, tanatopraxista, técnico do Instituto Médico Legal – IML, médico legista, antropóloga, psicóloga, administrador de cemitério), no filme (tanatopraxista) e artigos analisados (profissionais de saúde, policiais, coveiros, professor de anatomia, agentes funerários, profissionais que atuam no Instituto Médico Legal).

Os documentários Operários da Morte, Tabu Brasil – Cadáveres e o filme A partida integraram o corpus de análise do estudo, possibilitando uma compreensão e análise crítica quanto aos desafios impostos a esses profissionais, por lidarem com a morte (Quadro 3).

Quadro 2 – Referências científicas e artísticas identificadas na exploração temática

Tipo	Referências e estratégias de busca
Livros	Ariès, P. (2017). <i>História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos tempos</i> . Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Rodrigues, J. C. (2006). <i>Tabu da Morte</i> . Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. Kübler-Ross, E. (1994). <i>Sobre a morte e o morrer</i> (6ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
Artigos	Ferramenta de Busca: Google Acadêmico Descritores/Palavras chaves: "trabalhadores da morte" Retorno de 38 artigos publicados entre 2007 a 2017 e 11 artigos selecionados: Araújo (2012); Barros & Silva (2004); Cativo & Weil (2015); Jaskowiak <i>et al.</i> (2013); Kovács <i>et al.</i> (2014); Ribas & Gomes (2012); Ruiz <i>et al.</i> (2005); Salomé <i>et al.</i> (2009); Silva <i>et al.</i> (2015); Souza & Boemer (1998); Veras & Soares (2016).
Filmes	Ferramenta de Busca: Canal do Youtube Descritores/Palavras chaves: "trabalhadores da morte" 3 filmes selecionados sendo 2 documentários e 1 longa-metragem Documentário Tabu Cadáveres https://www.youtube.com/watch?v=0t3ro4Xvgk0 Documentário Operários da Morte https://www.youtube.com/watch?v=2eZHEpks6uE Filme: <i>A partida</i> (Takita, Y. (2008). <i>A Partida</i> . [Filme]. São Paulo: Paris Filmes) https://www.youtube.com/watch?v=vKMsWb-6EWE&t=3s
Imagens	Ferramenta de Busca: Google Imagens Busca intencional de imagens em alta resolução com acesso livre e direitos de uso para fins educacionais ou licenças Creative Commons, utilizando associação livre de palavras relacionadas ao tema gerador Implicações do trabalho com a morte e o corpo sem vida que possibilitaram acesso a diversos bancos de imagens como <i>The British Museum</i> , <i>The Burns Archive</i> e site institucional da <i>Okuribito Academy</i> , permitindo acesso a um montante de imagens que possibilitou uma seleção intencional das utilizadas no estudo.

Fonte: os autores.

Quadro 3 – Filmes que integraram o corpus de análise do estudo

Título	Informações	Descrições
<i>Operários da Morte</i>	Natureza: Experimental Direção: Amanda Leal, Ana Benoti, Ayla Kimura Ano: 2014 Duração: 23 minutos Nacionalidade: Brasil PUC – Campinas	Documentário que explora o estigma e as características do trabalho vivenciado por profissionais que lidam com o cadáver. Foram entrevistados uma perita criminal, um fotógrafo criminal, um anatomista, um auxiliar de necropsia, uma necromaquiadora e um coveiro (Leal <i>et al.</i> , 2014)
<i>Tabu Brasil Cadáveres</i>	Natureza: Série de televisão Direção: Kiko Ribeiro/Tatiana Vilela Ano: 2013 Duração: 44 minutos Nacionalidade: Brasil/USA National Geographic Channel	Documentário que expõe o universo de trabalho dos profissionais que manipulam o cadáver. Entrevista com perita criminal, necromaquiador, técnico e médico do IML, coveiro, médica antropóloga, psicóloga, administrador de cemitério (Vilela, 2013).
<i>A Partida</i>	Natureza: Longa-metragem Direção: Yojiro Takita Ano: 2008 Duração: 131 minutos Nacionalidade: Japão	Filme sobre músico que retorna ao Japão com esposa em busca de trabalho e depara-se com anúncio de agência "ajudamos a partir", com vagas de <i>nokanshi</i> . Aceita cargo, mas omite da esposa e vizinhos (Takita, 2008).

Fonte: os autores.

Os filmes descritos integraram o corpus de análise do estudo, representando as imagens em movimento e possibilitaram a decodificação de processos presentes no cotidiano de trabalho das categorias profissionais representadas. Tanto os filmes como as leituras de livros e artigos forneceram elementos para o processo de busca intencional das imagens artísticas para a estruturação da mostra cultural intitulada “Diálogo visual sobre as implicações do trabalho com a morte e o corpo sem vida”, que integraram o corpus de análise do estudo.

As imagens selecionadas estão apresentadas a seguir com suas respectivas legendas, e desvelam elementos históricos e culturais de representação da morte, que influenciam a percepção social do trabalho com a morte.

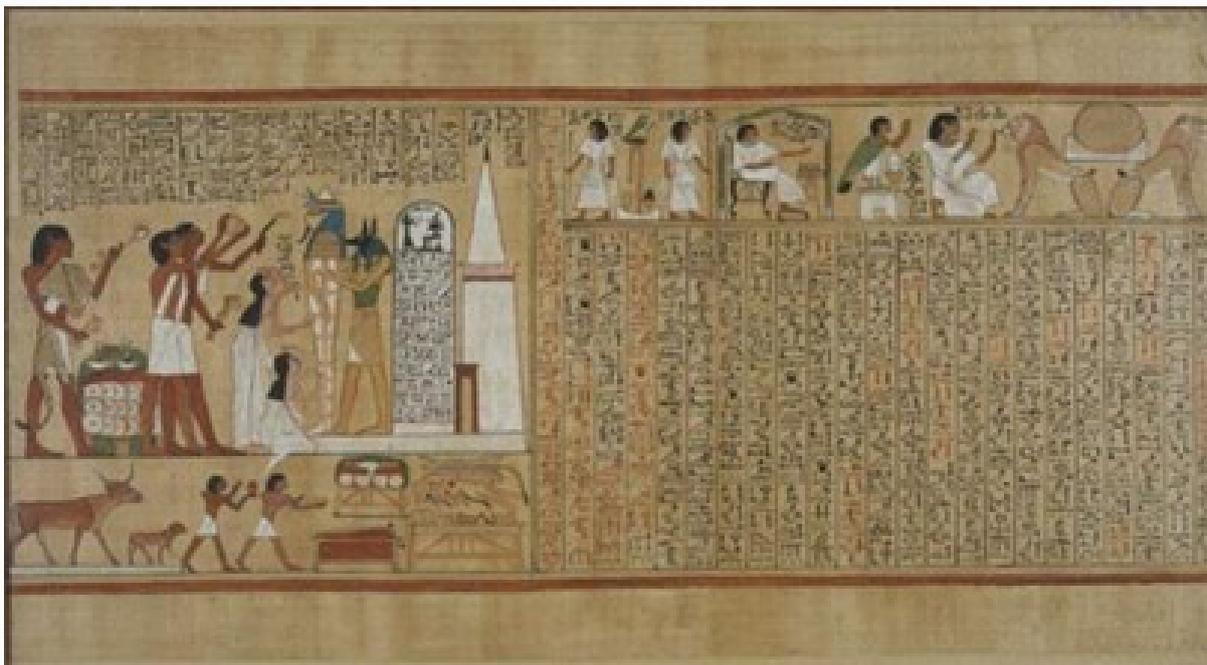


Figura 1 – Fotografia de Ilustração em rolo de papiro do Livro dos Mortos de Hunefer, datada de c.1285 a.C.

Fonte: Book of the Dead of Hunefer. (c.1285 a.C.) [Papiro]. Coleção The British Museum.
Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/Y_EA9901-5. Acesso em: 12 set. 2020.

O cuidado com o corpo sem vida possui singularidades relativas a questões históricas e culturais desveladas nas imagens acima. O Ritual da Abertura da Boca no Antigo Egito demonstrado na figura 1, registrado pelo escriba Hunefer, integra os escritos funerários da 19ª dinastia egípcia. Trata-se de cerimônia nobre protagonizada por sacerdotes que tocavam a boca e os olhos da múmia com os instrumentos funerários, simbolicamente, representando o retorno da vida. Segurando a múmia, encontra-se Anúbis (cabeça de chacal), o deus dos mortos que, segundo a mitologia, presidia o embalsamento e conduzia as almas para o submundo.

No Egito antigo, a preocupação com a preservação do corpo apoiava-se na crença da morte como fase transitória, mas perigosa, para outra vida. Portanto, as práticas de embalsamento e mumificação visavam preservar o cadáver para a vida pós-morte, quando o espírito retornasse. O processo de mumificação era uma arte que passava de geração em geração, sendo requeridas habilidades para providenciar o esvaziamento do corpo e a

desidratação com sal, o embalsamamento e o envolvimento do corpo com faixas de linho, a retirada e depósito das vísceras em quatro recipientes, a substituição do coração por uma peça em formado de inseto com texto sagrado registrado em seu verso, e a retirada do cérebro pelas narinas utilizando pinças longas de metal, sendo considerada a tarefa mais desafiadora para o embalsamador (Lopes, 2017)



Figura 2 – Ritual japonês de purificação do cadáver (yukan)

Fonte: Keiga, K. (ca. 1820). 作品名:湯灌 [Pintura sobre seda]. Coleção Nationaal Museum van Wereldculturen. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.11840/590802>. Acesso em: 09 jul. 2021.

A figura 2 apresenta o preparo do corpo como ritual íntimo e familiar no oriente. Na cultura japonesa, o corpo sem vida passa por um processo de limpeza, com o propósito de cumprir um ritual de purificação, considerando uma associação cultural e religiosa entre morte e poluição. Nesse sentido, no passado o corpo era submetido a um banho com água morna realizado por membros da família, em ritual denominado yukan. Embora a modernidade tenha modificado alguns hábitos, com uma redução da frequência do ritual de banhar o corpo, em geral apenas há, na contemporaneidade, uma limpeza das partes expostas com lenços umedecidos descartáveis, pois o corpo é considerado impuro e os familiares relutam em tocá-lo (Kim, 2012).

Araújo (2012) destaca que o cuidado com o corpo sem vida na tradição japonesa antiga advém do ritual nokanshi, que era exercido pela família, com cuidado da higiene e beleza do morto, tornando-o apresentável em seus últimos momentos. Com a profissionalização e mercantilização da morte, a função passou a ser exercida pelo profissional Nokanshi, agente funerário japonês, um mestre que prepara o cadáver antes de inseri-lo no caixão, seguindo uma tradição japonesa antiga. Tem a função de limpeza, vestimenta e maquiagem, em ritual fúnebre realizado sob vista dos familiares do falecido, e requer técnicas específicas, para não

expor a nudez. Na figura 3 é possível observar a cerimônia de preparo do corpo post mortem tradicional intitulada Nokan, sendo executada pelo Nokanshi.



Figura 3 – Nokanshi em ritual de preparo do corpo.

Fonte: Fotografia datada de 2017. Disponível em: <https://okuribito-academy.com>. Acesso em: 12 set. 2020.

Apesar do estigma e tabu relacionados ao trabalho com a morte, a repugnância e preconceito, a transformação em um Nokanshi requer o desenvolvimento de habilidades e conhecimento fúnebre. Trata-se de uma prática cerimonial elegante, transmitindo destreza, dignidade e respeito, por intermédio de habilidades em movimento e comportamento diante do corpo sem vida e entes queridos. Refere-se a uma experiência que ocorre pela primeira e última vez em uma atmosfera de humanidade, reverência, empatia e apreciação. Há uma compreensão de que o corpo sem vida caminhou a jornada da vida escrevendo sua história, significando e ressignificando sua vivência, nas relações com seus conterrâneos e familiares. Apesar da tradição milenar e da sensibilidade, ser Nokanshi requisita cursos especiais ou de curta duração, com sessões práticas de aula para o desenvolvimento das atividades tradicionais do Nokan no esmero ao fazer, nos cuidados em seguir as técnicas. É uma especialidade no enfrentamento da morte de modo cerimonial, para proporcionar uma despedida, e melhor comunicação com os entes queridos enlutados, dando um sentido diferente ao último adeus (Hirose, 2011).

No site da Okuribito Academy é possível visualizar as cenas de aulas e obter informações específicas sobre o curso teórico-prático para adquirir habilidades técnicas, desenvolver o comportamento e comunicação, com intuito de responder àqueles que chegaram ao fim da vida. O curso básico forma o profissional Nokanshi para lidar com diversas experiências de

comportamento, valores e costumes religiosos aliados às habilidades técnicas de maquiagem e tratamento de cadáveres.²

O filme Okuribito, premiado com o Oscar em 2009 como melhor filme estrangeiro, recebeu o título no Brasil de "A Partida". Relata a história de um violoncelista chamado Daigo que, ao perder seu emprego em orquestra, retorna com a esposa para sua terra natal e consegue um trabalho em funerária como nokanshi. A nova ocupação, apesar do estigma social, além de oferecer boa remuneração, é uma oportunidade para suavizar o impacto da perda sobre os que se despedem, e de ressignificação da morte, tanto para os nokanshi como para a família (Melo, 2016). A importância do ritual de despedida para a valorização da dignidade humana é desvelada no filme com beleza e poesia, possibilitando reflexões sobre o respeito com a vida, apesar de tratar da morte (Araújo, 2012).

Melo (2016) ressalta as semelhanças e diferenças entre o trabalho do nokanshi e do tanatopraxista no campo sociológico, pois embora ambos executem técnicas de preparo e embelezamento do corpo, o trabalho do nokanshi tem elementos simbólicos, ao ser realizado perante os familiares, trazendo dignidade e respeito no cuidado com o corpo e no processo de luto. Já o trabalho do tanatopraxista é realizado distante de olhares, em ambiente apropriado para esse fim, envolto em aspectos técnicos. Somente após finalizado, o corpo preparado será visto pela família no velório. A mercantilização dos cuidados pós-morte confere caráter personalizado ao luto, com a oferta de inúmeros serviços para o velório, além do tanatopraxista, que por meio da tecnicidade da profissão, poupa a família e os amigos do preparo do corpo em momento de dor.

A escultura na figura 4 apresenta itens iconográficos frequentemente utilizados na representação da morte, como a gadanha (instrumento utilizado na agricultura), a ampulheta (símbolo do tempo) e a caveira, transmitindo a mensagem "vanitas vanitatum omnia vanitas", vaidade das vaidades, tudo é vaidade!

As figuras 4 e 5, além de evidenciarem símbolos iconográficos que representam a morte, como caveira, ampulheta, foice, manto branco, túnica preta, também desvelam elementos de representação cultural e religiosa sobre a vida após a morte. A figura 4 evidencia a fugacidade da vida e superioridade do espírito, com a tônica de que a morte não é o fim, mas o começo, e a presença da caveira nas artes evidencia o homem como ser mortal. Segundo Ariès (2014), a figura do esqueleto, no século XVII, representa uma modificação da forma e do sentido do macabro: não mais o cadáver putrefato dos períodos anteriores, não mais assustador, mas o esqueleto "limpo", a morte seca

deixou de aparecer como auxiliar e aliado dos demônios, como o fornecedor do Inferno. O esqueleto é, nos séculos XVI e XVII, finis vitae, hoje um simples agente da Providência, e amanhã da Natureza; em seus papéis alegóricos, também é substituído pelo Tempo, um bom velho respeitável sem segundas intenções suspeitas; em retábulos de igreja, substitui o santo padroeiro, por detrás do doador, na mesma atitude de proteção (Ariès, 2014, p. 434-435).

² Okuribito Academy. Disponível em: <https://okuribito-academy.com/>. Acesso em: 12 set. 2020.



Figura 4 – O triunfo da Morte: fotografia de escultura em madeira policromada – Alemanha, Século XVII

Fonte: Truong, A. (2011). Le Triomphe de la Mort. Allemagne, XVIIe siècle. Disponível em: <http://www.alaintruong.com/archives/2011/07/23/21660271.html>. Acesso em: 12 set. 2020.

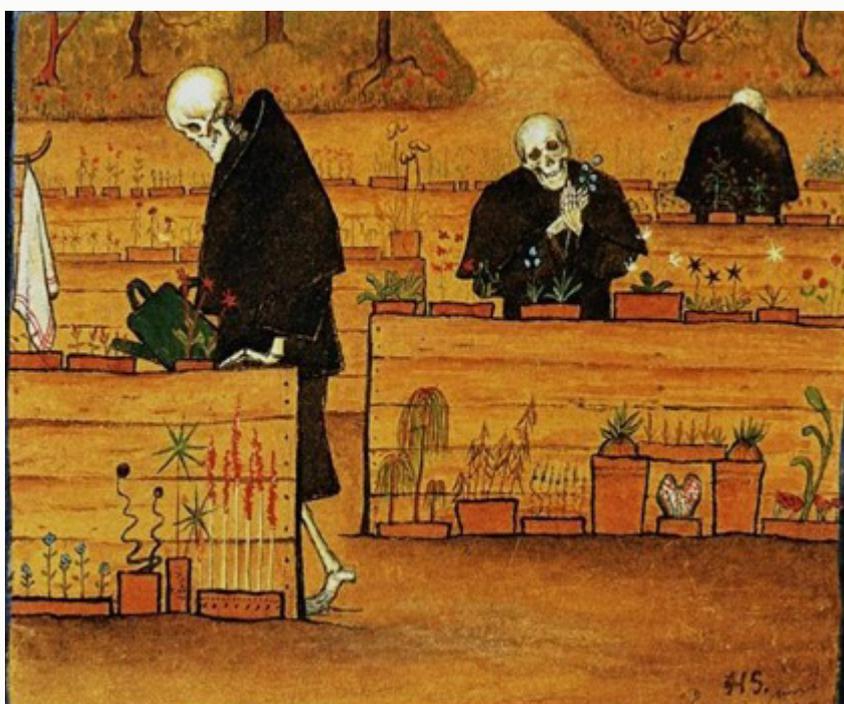


Figura 5 – Fotografia do quadro O Jardim da morte – pintura em aquarela e guache criada pelo finlandês Hugo Simberg (1873-1917) datada de 1896.

Fonte: Simberg, H. (1896). Kuoleman puutarha. [Guache e aquarela sobre papel]. Coleção Finlands National Galleri. Disponível em: <https://www.kansallisgalleria.fi/fi/object/421535>. Acesso em: 12 set. 2020.

Embora a finitude seja uma certeza do ser humano, as imagens que representam a morte, com destaque para o esqueleto humano, podem causar aversão às pessoas, e, também podem ter conotações distintas, segundo o momento histórico, os valores culturais, religiosos e econômicos. A caveira está presente nas artes plásticas, em bandeiras de piratas, em rituais mexicanos e, nos últimos anos, observa-se que tem sido muito utilizada no mundo da moda, presente em grifes famosas, como as do britânico Alexander McQueen e do brasileiro Alexandre Herchcovitch.

A figura 6 ilustra a cena de Hamlet – o príncipe da Dinamarca – escrito por William Shakespeare. O coveiro, à direita, segura um crânio e o outro, que se encontra sentado com os pés na sepultura, segura uma foice. Há, ainda, a cruz (religioso) ao fundo (à direita). Repara-se a diferença das condições indumentárias dos coveiros e de Hamlet (à esquerda) e Horatio (no centro da litogravura).

Jenny Farrell (2017) destaca que a cena dos coveiros na peça Hamlet de Shakespeare é a primeira aparição de trabalhadores no cenário mundial e, embora seja considerada como um ato cômico para alívio das tensões da peça, representa um espaço de discussão sobre a corrupção na sociedade, a integridade, o valor e igualdade natural de toda a humanidade diante da morte. Ao dialogar com o coveiro e Horatio, Hamlet evidencia uma humanidade comum,



Figura 6 – Hamlet et Horatio devant les fossoyeurs. Litogravura do pintor francês Eugène Delacroix (1798-1863) (Ano 1843)

Fonte: Delacroix, E. (1843). Hamlet et Horatio devant les fossoyeurs. [Litografia]. Coleção Petit Palais, Paris. Disponível em: <https://www.parismuseescollections.paris.fr/fr/petit-palais/oeuvres/hamlet-et-horatio-devant-les-fossoyeurs-deteil-116#infos-principales>. Acesso em: 12 set. 2020.

pois todos ocupam o mesmo espaço e discutem sobre morte e processo de decomposição associados aos seus comentários. No cemitério, os coveiros, o príncipe e o estudioso humanista se entendem por meio da linguagem, sem hierarquia, e os coveiros enfatizam a igualdade humana e a crítica social ao agitarem os crânios.

Ao analisar o cemitério como local de trabalho, é possível refletir acerca da relação que se estabelece entre esse ambiente e aquele que nele desempenha suas tarefas. Nesses termos, toda carga de estigmas que recaem sobre o cemitério se expande sobre o conjunto de trabalhadores/as que a ele estão ligados. A negação da morte no mundo moderno implica e atinge todas as pessoas que se relacionam diretamente com ela. Não apenas os coveiros, como os agentes funerários, os funcionários dos institutos médicos legais, assim como a representação imagética dos médicos legistas é afetada pelas representações construídas em torno da morte e de seu local de confinamento final, o cemitério. A experiência da morte está inserida num contexto histórico, social e cultural, o qual, por sua vez, produz sentidos e representações acerca do que significa morrer ou como lidar com a morte. Os estigmas que recaem sobre os trabalhadores dos cemitérios só podem ser devidamente apreendidos em sua significância, na medida em que forem situados nas formas de representação engendradas nas sociedades nas quais estão inseridos.

A figura 7 revela uma dissecação do antebraço de um cadáver pelo Dr. Tulp. Nota-se uma relativa discrepância entre o braço direito e esquerdo. Se, por muito tempo a abertura de cadáveres por quaisquer razões constituía um sacrilégio segundo a visão da Igreja, com o avanço da racionalidade moderna essas proibições passaram a ser confrontadas. O corpo morto perdeu sua aura de sacralidade. A partir do quadro de Rembrandt é possível refletir sobre uma prática frequente nas faculdades médicas no século XIV: as longas sessões de dissecação pública em teatros anatômicos, frequentados não apenas por estudantes ou médicos, como também por curiosos. Trata-se de um evento de entretenimento que ultrapassa os limites entre a dialética, entre o belo e o grotesco, entre o agradável e o repugnante, remetendo a uma reflexão sobre a morte como destino final do homem e acerca da precariedade da vida (Almeida et al., 2020). No século XIX, a dissecação de corpos de malfeitores praticada em épocas anteriores dá lugar ao advento da Egiptomania, recriando esses processos com a dissecação de múmias (Petruski, 2008)

A ciência em desenvolvimento impunha novos desafios e exigências, os quais, por sua vez, entravam em flagrante confronto com muitas das posições defendidas pela religião. O uso de corpos mortos para fins de pesquisa é um exemplo, que pode ser visto na cena retratada na figura 7. Um dos elementos que chama a atenção na imagem é a presença de um elemento contraditório: a necessidade da morte como imperativo para a vida, ou a importância do corpo morto, para o desenvolvimento da ciência dedicada a salvar vidas. Com a formação do profissional médico e presença do futuro médico no hospital, a pesquisa direta nos cadáveres humanos consolidou-se como condição necessária para a formação de profissionais de saúde em praticamente todo o mundo ocidental.

A figura 8 apresenta um médico que realiza uma autópsia do coração de uma jovem mulher. É possível notar a presença de recipientes no canto superior à direita, sugestivos de



Figura 7 - Lição de Anatomia do Dr. Tulp - Rembrandt Harmenszoon van Rijn (1606-1669, pintor holandês) - Pintura óleo sobre tela (Ano:1632)

Fonte: Van Rijn, R. (1632). The Anatomy Lesson of Dr. Nicolaes Tulp. [Óleo sobre tela]. Coleção Royal Picture Gallery Mauritshuis, Haia. Disponível em: <https://www.mauritshuis.nl/en/explore/the-collection/artworks/the-anatomy-lesson-of-dr-nicolaes-tulp-146/>. Acesso em: 12 set. 2020.



Figura 8 – Anatomia do Coração de Enrique Simonet (1866-1927, pintor espanhol) Pintura óleo sobre tela (Ano: 1890)

Fonte: Simonet, E. (1890). La autopsia. [Óleo sobre tela]. Coleção Museo de Malaga. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Enrique_Simonet_-_La_autopsia_-_1890.jpg. Acesso em: 12 set. 2020.

materiais tóxicos e biológicos, evidenciando a exposição a riscos ocupacionais. A realidade de uma necropsia é amenizada nessa obra, que revela um olhar fixo do profissional para o coração. Tal perspectiva possibilita inúmeras reflexões, dentre as quais os limites entre morte e vida, os sentimentos despertados nas relações afetivas. Em diálogo com as reflexões de Almeida et al. (2020, p. 117) sobre essa pintura, os autores destacam que “a pintura é claramente rica em mistério e erotização do corpo feminino: seios expostos, ventre descoberto, cabelos livres induzindo sexualidade. Curiosamente, a incisão cirúrgica é realizada apenas na região anatômica do coração”. O medo da morte aparece como um pavor que se lança sobre o profissional da medicina legal, que lida com a morte no que ela tem de mais nefasto, ameaçador e sombrio. A “produção em série” de relatórios, laudos e pareceres sobre os cadáveres e suas mortes, produzidos diariamente pelos médicos legistas - documentos que tratam da experiência da perda de forma mecânica e amparada por um arsenal não apenas tecnológico, mas também burocrático que despe todas as experiências humanas de suas singularidades – reforça tal imagem.

A natureza do trabalho dos necrotomistas desperta estranhamento, repugnância e curiosidade, pois além de lidarem com a morte, há desconhecimento da sociedade sobre as atividades realizadas por esses profissionais, impondo sofrimento e estigmatização, por realizarem um trabalho tido como sujo. Os riscos inerentes ao trabalho dos necrotomistas é mediado por estratégias de defesa individuais e coletivas, como brincadeiras, piadas, apelidos, músicas, que amenizam o medo e o sofrimento, evidenciadas por frases como: “Tem que ter essas brincadeiras, senão a gente não aguenta isso aqui”, apesar de não transformarem a realidade concreta, mantendo os riscos inerentes ao trabalho (Silva et al., 2016, p. 138).

A figura 9 contém alguns aspectos que envolvem o processo de avaliação do cadáver repousado em posição anatômica sobre a mesa. Ao redor do corpo há um homem de avental com postura imponente que parece conduzir o procedimento e ao seu lado há três homens de avental, auxiliares no processo. Do outro lado há um homem imponente, com trajes finos e segurando uma cartola, uma figura ilustre acompanhando a necropsia do Barão de Reinach, morto aos 56 anos, após escândalo do Panamá, com indícios de que a causa morte tenha sido suicídio, em função de seu envolvimento em corrupção, embora outros alegassem morte natural (Arigoni, 2019).

A ausência de mulheres nas imagens que retratam o trato com os corpos mortos em necropsias é evidenciada, revelando que embora exerçam o cuidado aos doentes, comparecem menos em espaços de intervenções técnicas e científicas ligadas ao corpo morto em comparação aos homens, apontando a pouca visibilidade das mulheres em registros históricos e de imagem. Embora presentes em diferentes ocupações, a anatomia patológica é representada na história como espaço científico predominantemente masculino.

O pensamento que prevalecia entre médicos e estudantes que praticavam a dissecação de cadáveres era de que o contato por horas em salas de autópsia poderia endurecer e corromper o coração. Tal endurecimento era considerado perigoso para as mulheres. As primeiras médicas americanas das décadas de 1850 e 1860 eram imbuídas da crença de que possuíam habilidades para a cura, com base em estereótipos da feminilidade influenciados

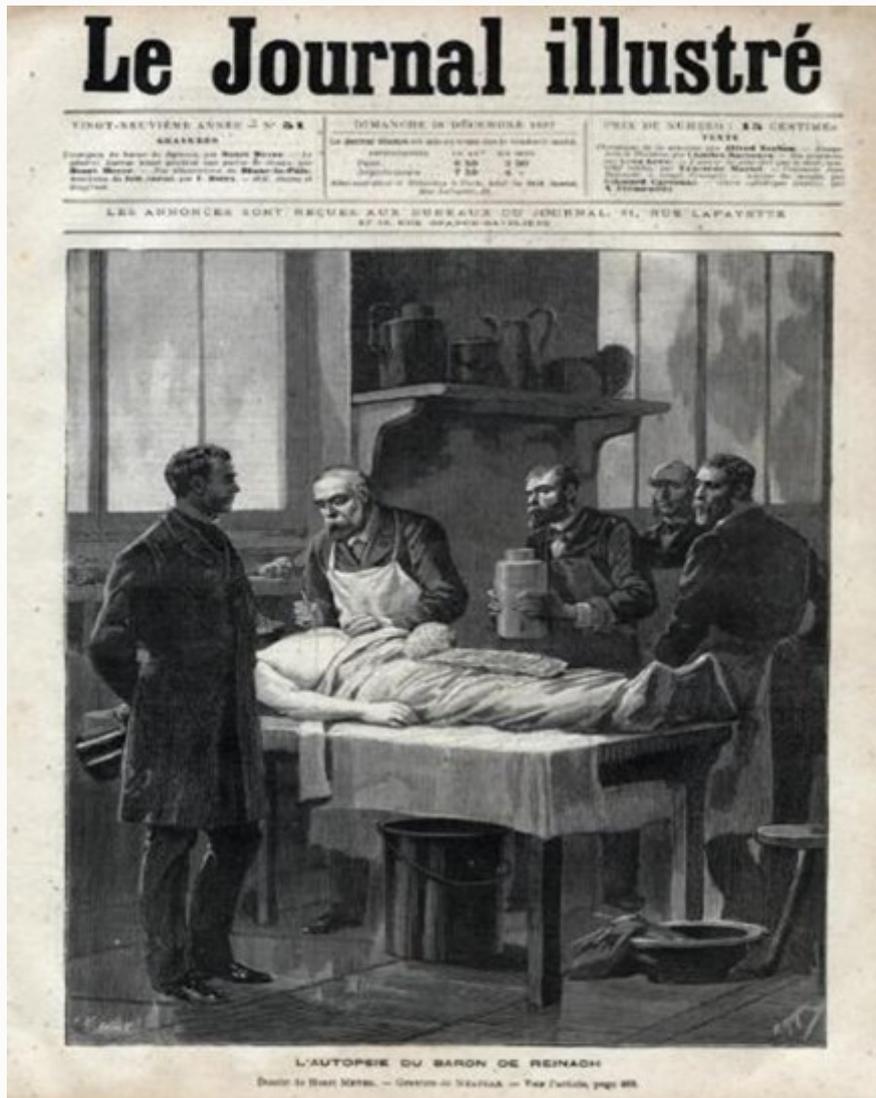


Figura 9 - L'autopsie du Baron de Reinach - Henri Meyer (1844-1899, francês). Gravura (Ano:1892)
Imagem no *Le Journal Illustré*

Fonte: Meyer, H. & Meaulle. L'autopsie du Baron de Reinach. (1892, 18 décembre). *Le Journal Illustré*, Paris, p. 1. Disponível em: <https://www.franceculture.fr/emissions/les-nuits-de-france-culture/les-grandes-conferences-quand-le-scandale-devient-une-arme-politique-1ere-diffusion-15051950-chaine>. Acesso em: 12 set. 2020.

pela era vitoriana, e as opiniões divergiam entre os críticos que alertavam que a dissecação contaminaria a constituição moral das médicas, e os que alegavam que o estudo anatômico elevaria e fortaleceria o caráter ao invés de degradá-lo (Warner, 2009). Vale ressaltar que Marie François Xavier Bichat (1771-1802), médica formada na França, a partir de 1798 dedicou-se ao trabalho de dissecação anatômica, necrópsias, e em apenas um inverno dissecou seiscentos cadáveres, possibilitando que oitenta estudantes se formassem em uma única turma (Talamoni, 2012).

A figura 10 revela a atuação dos profissionais de saúde no contexto da pandemia covid-19. Médicos, enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem, fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos, profissionais de apoio e tantos outros que, juntos, atuam em diversos espaços, no contexto hospitalar e, também, na atenção primária à saúde, desafiando não apenas o vírus, como suas próprias forças e energias em defesa da vida humana. A morte representa um limite

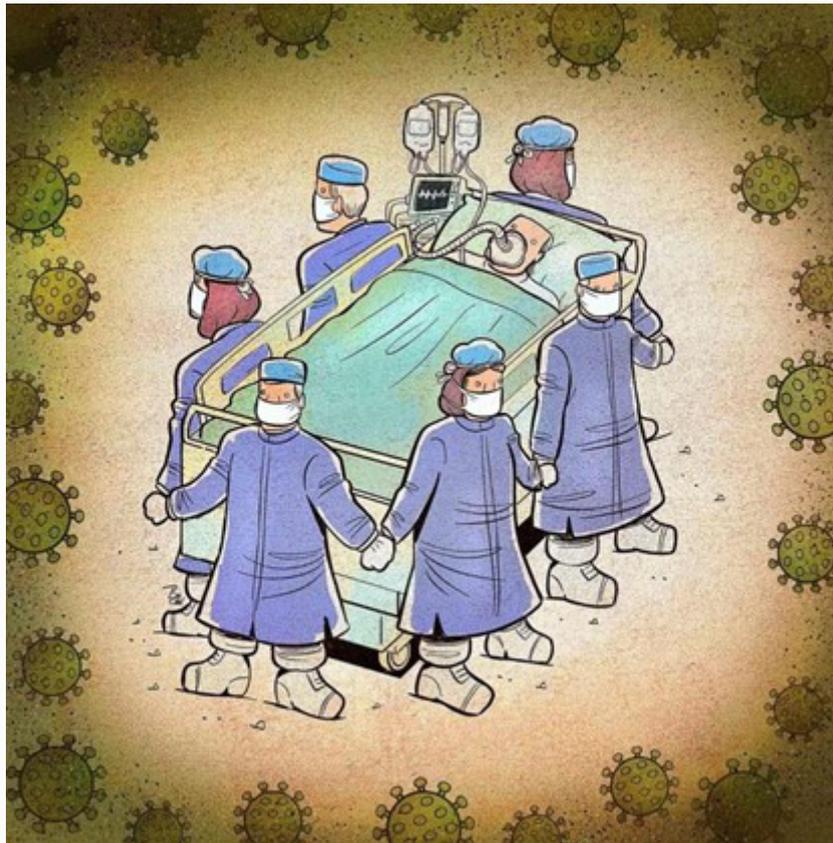


Figura 10 - Guardas de saúde, pelos esforços da equipe médica nos dias de hoje. Artista Alireza Pakdel

Fonte: Alireza Pakdel [@alirezapakdel_artist]. (2020, 22 de março). "Health guards" [Ilustração]. Instagram. <https://www.instagram.com/p/B-CI3ikl4g8/>. Acesso em: 09 jul. 2021.

imposto aos profissionais de saúde, que são pouco preparados em sua formação para lidar com a finitude da vida.

A equipe de enfermagem é responsável por realizar os cuidados com o corpo após a morte, principalmente em instituições de saúde, quando ocorre o óbito. Não é uma tarefa fácil, exige uma ação integrada entre profissionais, família e comunidade, por envolver significados para família no momento da despedida, crenças, valores e religiosidade. Não deve ser uma tarefa desempenhada de forma mecânica, automatizada ou banalizada, mas com ética e respeito no cuidado com o corpo sem vida. O contexto de uma pandemia intensifica o número de óbitos e, conseqüentemente, afeta os profissionais de saúde que, ao mesmo tempo em que atuam em defesa da vida, necessitam realizar o preparo do corpo e enfrentam o luto pela perda de familiar, amigo, colega de trabalho.

A pandemia evidenciou em diversas mídias o trabalho dos profissionais que trabalham com a morte. Entretanto, em geral são categorias invisibilizadas, desprestigiadas e estigmatizadas pela sociedade. Embalsamadores, nokanshi, coveiro, anatomistas, patologistas, médico legista, enfermeiros, perito criminal, fotógrafo criminal, auxiliar de necropsia, necromaquiador, tanatopraxista, antropólogo, administrador de cemitério, policiais, agentes funerários, profissionais que atuam no Instituto Médico Legal, categorias profissionais desveladas em imagens e palavras que integraram os resultados do estudo.

Discussão

As imagens paradas e em movimento descritas nos resultados do estudo provocaram reflexões críticas acerca das implicações do trabalho com a morte e o corpo sem vida. O estudo não teve a pretensão de abordar em profundidade uma temática complexa e desafiadora, mas cotejar reflexões sobre a utilização da arte no processo crítico e reflexivo sobre o tema, contribuindo para a formação dos profissionais de saúde. Os temas geradores em interação codificados e decodificados a partir do uso das imagens possibilitam um pensar crítico e desvelar de situações relevantes para uma compreensão dos sentidos do trabalho com a morte. Alguns temas são discutidos nos tópicos a seguir, a partir da linha de condução de algumas ocupações retratadas nas imagens.

Os profissionais de saúde frente aos limites da vida e o cuidado com o corpo

Quando se trata das atividades realizadas pela equipe de enfermagem e equipe médica frente à morte, nota-se que o cuidar do outro se destina à vida. A morte é identificada como inimigo que estimula uma busca da manutenção da vida, indício de falha da competência profissional e insucesso terapêutico. A concepção de preservação da vida vigora desde a formação desses profissionais (Nascimento et al., 2006).

O falecimento desafia a capacidade de compreensão e de simbolização humana, evidenciado pela materialização de desconforto, medo e pela busca de sentido ou de significação para a morte. Cientificamente, a morte estabelece o fim de uma existência. Muito mais do que a decomposição do corpo, pode significar a extinção do eu (Jaskowiak et al., 2013; Siqueira-Batista & Schramm, 2004 maio a junho; Pazin-Filho, 2005; Combinato & Queiroz, 2006).

Nascimento et al. (2006) discutem sobre a formação acadêmica com foco técnico-científico que estimula a rejeição da dor, a negação da morte do outro e de si. Os autores destacam que a supressão das discussões sobre os aspectos biopsicossociais do óbito na formação acadêmica gera repercussões significativas no desempenho profissional, como auto-avaliação negativa e sofrimento psíquico.

Com a intensidade com que se prega o cuidar para preservação da vida, a literatura frequentemente aponta o despreparo profissional para lidar com as questões da morte do paciente sob seus cuidados. Os trabalhadores de saúde referem que a experiência os auxilia a encontrar meios de enfrentamento, mas ainda são assolados por sentimentos de limitação, impotência e angústia (Jaskowiak et al., 2013).

Estudo realizado com enfermeiros para avaliar as atitudes desses profissionais frente à morte constatou uma relação significativa entre idade e tempo de experiência, com as circunstâncias que englobam a temática. À maior exposição ao processo de morrer e à morte infere-se fator positivo na tomada de atitudes em face do falecimento do paciente. Assim, uma maior exposição a experiências com a morte conferiu maior autoconsciência emocional. Os enfermeiros com menos experiências tendem a evitar os sentimentos e pensamentos relacionados ao assunto, embora contextos culturais e religiosos não tenham sido avaliados (Hasheesh et al., 2013). Ao se depararem com situações geradoras de sofrimento,



os trabalhadores engendram estratégias defensivas individuais e coletivas, que promovem uma eufemização na percepção do sofrimento ocasionado a partir da realidade e, diante de situações que os afetam, conseguem enfrentar esses desafios pela via psíquica, minimizando o sofrimento (Dejours et al., 1994).

O preparo do corpo, último cuidado prestado pela equipe de enfermagem, é visto pelos profissionais como intervenção técnica, porém invasiva, que incita desconforto e angústia diante do corpo que cuidou em vida (Salomé et al., 2009). Há necessidade de debate e revisão da matriz curricular para formação de profissionais da saúde, pois a morte ainda é um tema pouco debatido na graduação. Há maior risco de sofrimento psíquico e esgotamento, pelo contato constante com pacientes fora de possibilidades terapêuticas e, conseqüente, morte (Magalhães & Melo, 2015).

Para longe de familiares, amigos e vizinhos - A morte profissionalizada e mercantilizada

Historicamente, a preparação do corpo obteve algumas transformações ao longo do tempo. A morte ausentou-se do convívio social e doméstico, quando a incumbência de cuidar do que morre foi transferida de familiares e vizinhos para o trabalhador da saúde no hospital. Ao pensar a historicidade das percepções e conceitos sociais, defende-se que o distanciamento entre a morte e o âmbito cotidiano influenciou o modo como o ser humano a percebe, desconcertante e misteriosa, e na inquietação de encarar a própria morte, enfrenta-se um cerne do fim da vida descrito em dor e sofrimento (Ariès, 2017).

Ao deixar o âmbito da casa de vizinhos e familiares, com deslocamento para os hospitais e, conseqüentemente, para espaços fúnebres, a morte sofreu um processo de mercantilização e profissionalização, abrindo espaços para o mercado funerário. Ao discutir o significado da morte na sociedade de consumo, infere-se que, ao deparar-se com a morte, logo busca-se o apoio de profissionais que farão o trabalho, considerado constrangedor. Na contemporaneidade, sob ponto de vista do mercado pós morte, houve uma personalização nos avanços das técnicas de estética do corpo sem vida como a tanatopraxia, embalsamamento e necromaquiagem, e os produtos comercializados pelo ramo funerário oferecem uma imagem estética, assemelhando-se ao vivo (Veras & Soares, 2016).

A cultura do consumo incute elementos simbólicos de identidade e pertencimento a uma determinada classe da sociedade, evidenciado por preços do serviço e dos insumos para preparação do funeral. Na medida em que o valor social do ter sobrepuja o ser, esse consumo se faz presente diante da morte (Barbosa, 2004). O mercado da morte estabelece negociações monetárias relativas à oferta de diferentes cuidados com o cadáver e os insumos necessários, sendo permeado por comportamentos éticos e de honestidade, mas há também abuso de oportunistas (Kovács, 2012).



Os trabalhadores dos serviços funerários e o estigma social

Os artigos científicos que abordam o trabalho de agente funerário e auxiliares enfatizam aspectos relacionados aos riscos ocupacionais e ao processo de estigmatização decorrente da manipulação do cadáver.

Segundo a Classificação de Ocupações Brasileiras-CBO,³ há três categorias para serviços funerários: trabalhadores dos serviços funerários, trabalhadores auxiliares dos serviços funerários e operador de forno. Nessa classificação, os trabalhadores dos serviços funerários, também designados como tanatopraxistas, atendente funerário e auxiliar de funerária realizam funções relacionadas aos funerais, incluindo documentação e registros necessários ao sepultamento, liberação, remoção e traslado do corpo, preparo do corpo e ornamentação das urnas para o velório, condução de cerimônias fúnebres. Eles providenciam o embelezamento do corpo por necromaquiagem, a conservação por tanatopraxia e embalsamento, removendo líquidos corporais e introduzindo conservantes químicos. Nesse mesmo ramo, há, também, os sepultadores (oficial de obras), popularmente conhecidos como coveiros, considerados ainda como auxiliares dos serviços funerários que realizam obras para construir, preparar, limpar abrir e fechar sepulturas, além de sepultar, exumar, cremar, trasladar o cadáver e seus despojos. Atuam também na segurança e conservação dos cemitérios, operando máquinas e ferramentas. Os operadores de forno atuam em crematórios e suas funções são semelhantes à dos sepultadores, diferenciando apenas no grau de escolaridade requerido para o exercício da função, exigindo ensino médio completo e curso profissionalizante de duzentas horas. As condições gerais do trabalho desses profissionais os expõem a riscos físicos (ruídos, temperaturas elevadas, exposição a partículas de poeiras como cal), químicos (produtos químicos e materiais tóxicos), biológicos (microrganismos com risco de exposição a doenças infecto-contagiosas), ergonômicos (levantamento de peso, problemas posturais afetando a coluna, e problemas relacionados à organização do trabalho que podem influenciar nas relações interpessoais no trabalho, gerar sobrecarga, pressão psicológica e sofrimento mental) e risco de acidentes no trabalho (quedas, cortes, e também acidente de trajeto) (Silva, 2019).

Dentre as competências pessoais comuns às três classificações, consta a exigência de controle psicológico evidenciado pelas descrições “demonstrar bom preparo psicológico”, “controlar-se emocionalmente”, “administrar o estresse”. O requisito para atuação como sepultador e agente funerário reside na conclusão do ensino fundamental, com especializações de quarenta horas, por exemplo em tanatopraxia/necromaquiagem, no caso dos agentes funerários.⁴

As publicações científicas evidenciam o estigma vinculado às profissões do ramo funerário, decorrente de percepções sociais alimentadas historicamente, destacando a identidade dos agentes funerários, adjetivados papa-defunto no sendo comum, e a reputação

³ BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Classificação Brasileira de Ocupações*. Brasília: MTE, 2017. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>. Acesso em: 03 set. 2017.

⁴ BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Classificação Brasileira de Ocupações*. Brasília: MTE, 2017. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>. Acesso em: 03 set. 2017.



de ser alguém que recebe às custas do sofrimento dos outros, associada à mercantilização da morte pela sociedade de consumo (Veras & Soares, 2016; Barbosa, 2004; Ruiz et al., 2005).

O preconceito se dá, também, pelo objeto de trabalho desses profissionais, o cadáver, evidenciado por piadas jocosas, espanto e indiferença (Kovács et al., 2014; Ribas & Gomes, 2012; Souza & Boemer, 1998; Ruiz et al., 2005).

As condições de trabalho e os riscos relacionados aos cuidados com o corpo sem vida

Assim como os profissionais de saúde, os trabalhadores do setor funerário representam grupo de risco para desenvolvimento da síndrome de burnout. A precarização do trabalho (falta de equipamentos individuais de proteção, sobrecarga, esforço físico etc.), desvalorização profissional, financeira e social são fatores que aumentam a instabilidade psíquica e física. Não há preparo para lidar com os riscos à saúde e questões emocionais (Kovács et al., 2014).

Cativo e Weil (2015) fomentam uma discussão sociopolítica acerca da dinâmica capitalista e contemporânea na qual, especialmente, os cozeiros estão submetidos. As circunstâncias laborais exibem contradição ao estabelecido pela norma regulamentadora do Ministério de Trabalho sobre ergonomia - NR 17, que dispõe sobre as condições adequadas de trabalho, desde ambientais como organizacionais, bem como aspectos psicofisiológicos e a natureza das atividades a serem exercidas.⁵ A falta de garantias sociais, insalubridade e estigma acarreta desdobramentos que comprometem a qualidade de vida desses trabalhadores submetidos aos riscos físicos, químicos, biológicos, ergonômicos e de acidente, e influenciam a percepção social e os sentidos atribuídos ao trabalho com a morte.

Antunes (1999) reflete sobre o processo de transformação político e social e relaciona os sentidos do trabalho. Para o autor, para uma vida de sentido, é necessário um trabalho com significado, em que a interação liberdade e necessidade sejam recíprocas. Para tanto, defende o rompimento da contrariedade entre “tempo de trabalho” e “tempo de não trabalho”.

As Normas Regulamentadoras de Segurança e Saúde no Trabalho estabelecem parâmetros para a preservação da segurança e saúde dos trabalhadores e trabalhadoras, e além da ergonomia (NR-17), destacam-se as regulamentações referentes ao uso de Equipamentos de Proteção Individual (NR-6) e as atividades e operações insalubres (NR-15).⁶ A legislação de saúde do trabalhador aplicável e vigente no Brasil, também, consta nos termos dos incisos II e VIII do art. 200 da CF/88, que visa proteção jurídica para garantia da execução de ações de vigilância sanitária, epidemiológica que cooperem na proteção do meio ambiente, na qual o trabalho está envolvido. Há, ainda, o inciso XXII do art. 7º da Constituição que protege, juridicamente, o trabalhador por meio da garantia do direito à redução dos riscos inerentes ao trabalho, através de normas de saúde, higiene e segurança.⁷

⁵ BRASIL. Ministério do Trabalho e da Previdência Social. Portaria n.º 3.751, de 23 de novembro de 1990. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, 5 nov. 1990. Seção 1.

⁶ BRASIL. Ministério do Trabalho. *Normas Regulamentadoras*. Disponível em: <http://trabalho.gov.br>. Acesso em: 05 set. 2017.

⁷ BRASIL. Constituição (1988). *Constituição [da] República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988. 320 p.



Uma pesquisa realizada no Instituto Médico Legal com auxiliares de necropsia aponta o desgaste físico, esgotamento mental, sobrecarga, condições patogênicas, local de trabalho obsoleto, equipamentos de proteção individual insuficientes, risco de queda e perfurações, fadiga, angústia, contato constante com cadáveres de vítimas violentadas e baixa remuneração correspondente à atividade executada. As atividades a serem realizadas pelos auxiliares de necropsia incluem o registro detalhado do cadáver, suas roupas, cabelo, olhos, arcada dentária, cor, dados específicos, como cicatriz, tatuagens ou ferimentos externos, bem como a realização de incisões requeridas para a realização da necropsia. Os entrevistados afirmam que a execução do trabalho de necropsia é, relativamente, com algidez. A desritualização da morte, tomada de atitudes impessoais e a despersonalização do cadáver, compreendem formas de enfrentamento, um anestésico psíquico para lidar com as atividades laborais requeridas. A superlotação do setor também pode ser fator que possibilita a desvinculação afetiva com o cadáver. O estigma e discriminação é evidenciado em decorrência de seu objeto de ofício (Barros & Silva, 2004).

Ao explorar fatores pessoais, organizacionais e sociais determinantes na atribuição de sentidos ao trabalho, a oportunidade do trabalhador de provar suas competências e potenciais, a autonomia na execução das tarefas, a possibilidade de construir vínculos com pessoas, a geração de resultados almejados correspondentes à eficiência e eficácia, condições laborais adequadas, satisfação decorrente da autonomia, aceitação social, segurança, manutenção de qualidade de vida e independência. Um trabalho sem sentido está associado ao não reconhecimento e despreço social pela função exercida, em aspectos que contradizem valores pessoais, impossibilitam descobrir novos potenciais e expõem o trabalhador a condições de trabalho indignas (Morin, 2001).

Ao pensar acerca das circunstâncias em que estão inseridos os profissionais que lidam com o corpo sem vida, há uma tendência a não atribuir sentidos ao trabalho exercido, dado as cargas sociais, econômicas, físicas, psicológicas, espirituais, bem como a exposição aos riscos relacionados ao trabalho, que contradizem seu propósito de ser e fazer, cotidianamente, acarretando repercussões negativas em sua segurança, participação e, conseqüentemente, desenvolvimento pessoal.

A ampliação do olhar sobre o trabalho com a morte e o corpo sem vida por meio da arte

A elaboração de mostra cultural temática constitui uma tecnologia educativa que viabiliza a socialização do conhecimento de modo individual e coletivo (Rohr et al., 2016), possibilitando experiências de desenvolvimento do processo educativo emancipatório, participativo e dialógico (Freire, 2005, 2011).

É, também, oportunidade de aprendizado para estudantes, docentes e profissionais envolvidos, para o desenvolvimento da autonomia e da consciência crítica, por meio de diálogo visual suscitado por estratégia de ensino baseada na problematização da realidade. Provido da socialização, a prática do exercício reflexivo, dialógico e democrático, potencializa a compreensão do discente quanto ao protagonismo sobre a construção do próprio conhecimento.



Com base na importância da problematização da realidade, os estudantes, que serão os profissionais no futuro, bem como docentes e trabalhadores da saúde, precisam compreender as implicações do trabalho com a morte e o corpo sem vida. A arte pode contribuir nesse processo crítico e reflexivo, para no estabelecimento de relação terapêutica, pautada no cuidado humanizado, integral e sensível, tornando-os mais aptos a assumir o cuidado à saúde desses trabalhadores.

A estruturação de mostras culturais com produções artísticas é instrumento facilitador do processo de sensibilização para o cuidado humano, e o uso da arte na formação dos profissionais de saúde tem sustentação em resultados de outros estudos (Jensen & Curtis, 2008; Barcelos, 2015).

Como limites do estudo, ressalta-se que, apesar de grande número de imagens relacionadas ao trabalho com a morte e o corpo sem vida, há desafios no estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão das imagens em pesquisas, sendo adotados no estudo a inclusão de imagens em alta resolução, disponíveis na internet, com acesso livre. Entretanto, a seleção intencional partindo da percepção e sensibilidade dos autores, com destaque para a autonomia e protagonismo dos estudantes envolvidos no trabalho, nortearam a escolha das imagens. Há também dificuldades relacionadas às fontes de informação e estratégias de busca de imagens que precisam ser superadas, permitindo a aplicação de maior rigor metodológico na definição de critérios de inclusão e exclusão das imagens.

é importante lembrar que as ferramentas existentes na internet avançaram tremendamente em estratégias de busca de textos, incorporando por exemplo a similaridade fonética para ampliar possibilidades de encontrar um determinado termo ou expressão. No entanto, a recuperação de imagens baseada em conteúdo ainda é rudimentar e depende de um conjunto de metadados que devem ser acoplados a essas imagens no momento da sua divulgação (Barcelos, 2015, p. 2).

Considerações finais

A compreensão histórica envolvendo a temática morte é primordial para elucidação do contexto contemporâneo vivenciado pelo ser humano, que pode ser potencializada por meio da arte. As produções científicas referentes aos trabalhadores que lidam com a morte e o corpo sem vida apontam para o estigma, desvalorização social e não reconhecimento. A realidade vivenciada determina características do trabalho sem sentido. Para Morin, é possível destacar que o trabalho não vai de encontro ao trabalhador e, sendo socialmente estigmatizado, contribui para a percepção de trabalho absurdo.

Entretanto, produções em vídeo identificadas no estudo destacam o valor do trabalho exercido por profissionais que lidam com a morte, possibilitando uma reflexão crítica sobre o valor social dos trabalhadores que cuidam do corpo sem vida. As imagens artísticas possibilitam estabelecer diálogos e promover reflexões que permitem ressignificar a visão social dessas categorias profissionais, conferindo importância e tirando-os da invisibilidade no mundo do trabalho.



Logo, a elaboração de mostra cultural temática constitui uma tecnologia educativa que viabiliza a socialização do conhecimento de modo individual e coletivo, oportunizando experiências de desenvolvimento do processo educativo, pautado por Freire, emancipatório, participativo e dialógico. Ampliar a difusão das mostras culturais temáticas para ambientes virtuais de aprendizagem, incluindo as redes sociais e o site institucional do projeto de extensão *Imagens da vida: arte-saúde-história* possibilitará que reflexões sobre situações limites como a morte e outros temas desafiadores sejam abordados por meio da arte e de uma interação crítica e dialógica, oferecendo um suporte em tecnologias educativas que facilitem o trabalho docente e potencializem o processo de formação em saúde.

Por meio do diálogo visual com as imagens artísticas paradas e em movimento selecionadas no presente estudo e o pensar crítico, mediante análises a partir de produções de outros autores sobre a temática e inferência dos autores, é possível produzir e transformar ideias, possibilitando a criticização sobre a realidade concreta dos trabalhadores que lidam com a morte e o corpo sem vida em seu cotidiano, assimilando particularidades e questões condizentes ao ser e fazer desses trabalhadores, amplificando a percepção da finitude da vida e os sentidos do trabalho com a morte e contribuindo ao processo de humanização na formação e cuidado em saúde.

Referências Bibliográficas

- Almeida, I. P., Malheiro, A. K. da S. & Oliveira, Z. D. (2020). Bastidores da anatomia: da história à essência humana. *Revista Internacional de Educação e Saúde*, 4 (2), 114-120. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/educacao/article/view/3342>. Acesso em: 05 jul. 2021.
- Antunes, R. (1999). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo.
- Araújo, R. B de. (2012, julho a dezembro). A mercantilização da morte na sociedade de consumo. *Habitus*, 10 (2), 341-353. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/2836/1731>. Acesso em: 13 set. 2017.
- Ariès, P. (2014). *O homem diante da morte*. São Paulo: Editora Unesp.
- Ariès, P. (2017). *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos tempos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Arigoni, M. I. C. (2019). *Do jornalismo à literatura: Émile Zola e L'affaire Dreyfus: jornalismo e representações literárias na França do final do século XIX*. [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/211451/001115492.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 09 jul. 2021.
- Ashforth, B. E. & Kreiner, G. E. (1999, July). How can you do it? Dirty work and the challenge of constructing a positive identity. *The Academy of Management Review*, 24 (3), 413-434. Disponível em: www.jstor.org/stable/259134. Acesso em: 13 set. 2017. <https://doi.org/10.5465/amr.1999.2202129>.
- Ashforth, B. E. & Kreiner, G. E. (2014, March). Dirty Work and Dirtier Work: Differences in Countering Physical, Social, and Moral Stigma. *Management and Organization Review*, 10 (1), 81-108. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/management-and-organization-review/article/abs/dirty-work-and-dirtier-work-differences-in-countering-physical-social-and-moral-stig>



ma/3872AF1374E73E3C6D45139E691E6883. Acesso em: 13 set. 2017. <https://doi.org/10.1111/more.12044>.

Barbosa, L. (2004). *Sociedade de Consumo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Barcelos, C. (2015, janeiro a março). Uso de imagens nos artigos científicos: visualizar, reter, divulgar, aprender. *RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, 9 (1), 1-3. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/924/1569>. Acesso em: 13 set. 2017. <https://doi.org/10.29397/reciis.v9i1.924>.

Barros, V. A. de & Silva, L. R. da. (2004, dezembro). Trabalho e cotidiano no Instituto Médico Legal de Belo Horizonte. *Psicologia em Revista*, 10 (16), 318-333. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/216>. Acesso: 18 out. 2017.

Berlatto, O. (2009, janeiro a julho). A construção da identidade social. *Revista do Curso de Direito da FSG*, 3 (5), 141-151. Disponível em: <http://ojs.fsg.br/index.php/direito/article/view/242>. Acesso em: 13 set. 2017.

Cativo, C. K. & Weil, A. G. (2015). Trabalho e Morte: estudo sobre as condições de vida e os impactos sobre a saúde dos coveiros do município de Parintins. *Anais da Sétima Jornada Internacional de Políticas Públicas*. Universidade Federal do Maranhão. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo2/trabalho-e-morte-estudo-sobre-as-condicoes-de-vida-e-os-impactos-sobre-a-saude-dos-coveiros-do-municipio-de-parintins.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2021.

Combinato, D. S. & Queiroz, M. de S. (2006). Morte: uma visão psicossocial. *Estudos de Psicologia*, 11 (2), 209-216. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v11n2/a10v11n2.pdf>. Acesso em: 06 set. 2017. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200010>.

Dejours, C., Abdoucheli, E. & Jayet, C. (1994). *Psicodinâmica do Trabalho: Contribuições da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e Trabalho*. São Paulo: Ed. Atlas.

Enders, B. C., Brito, R. S. de & Monteiro, A. I. (2004, dezembro). Análise conceitual e pensamento crítico: uma relação complementar na enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 25 (3), 295-305. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4523/2453>. Acesso em: 25 out. 2017.

Farrell, J. (2017, November 29). Shakespeare's Grevediggers – the first appearance of working people on the world stage. *Culture Matters*. Disponível em: <https://culturematters.org.uk/index.php/arts/theatre/item/2680-shakespeare-s-gravediggers-the-first-appearance-of-working-people-on-the-world-stage>. Acesso em: 28 mar. 2021

Freire, P. (2005). *Pedagogia do Oprimido* (42 ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (2011). *Pedagogia da Autonomia* (43 ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação de uma identidade deteriorada* (4. ed.). Rio de Janeiro: LTC.

Goldenberg, P., Marsiglia, R. M. G. & Gomes, M. H. de A. (Org.). (2003). *O clássico e o novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz. <https://doi.org/10.7476/9788575412510>.

Hasheesh, M. O. A. et al. (2013). Nurses' characteristics and their Attitudes toward Death and Caring for Dying Patients in a Public Hospital in Jordan. *Health Science Journal*, 7 (4), 384-394. Disponível em: <https://www.hsj.gr/medicine/nurses-characteristics-and-their-attitudes-toward-death-and-caring-for-dying-patients-in-a-public-hospital-in-jordan.pdf>. Acesso em: 13 out. 2017.



Hirose, C. (2011, janeiro a junho). Ritos, tradição e educação: o interior e o exterior. *Revista Internacional d'Humanitats*, 21, 19-26. Disponível em: <http://www.hottopos.com/rih21/P19a26.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2021.

Houaiss, A. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. <https://doi.org/10.5628/rpcd.01.03.03>.

Huizinga, J. (2010). *O outono da Idade Média: Estudos sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos países baixos*. São Paulo: Cosac & Naify.

Jaskowiak, C. R., Zamberlan, P. & Fontana, R. T. (2013, janeiro a março). Processo de Morte e Morrer: sentimentos e percepções de técnicos de enfermagem. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental*, 5 (1), 3515-3522. Disponível em: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/1995/pdf_711. Acesso em: 20 out. 2017. <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2013v5n1p3515>.

Jensen, A. & Curtis, M. (2008). Descriptive qualitative study of student learning in a psychosocial nursing class infused with art, literature, music, and film. *International Journal of Nursing Education Scholarship*, 5 (1), 1-9. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.2202/1548-923X.1344/html>. Acesso em: 25 out. 2017. <https://doi.org/10.2202/1548-923X.1344>.

Kim, H. (2012). The Purification Process of Death Mortuary Rites in a Japanese Rural Town. *Asian Ethnology*, 71 (2), 225-257. Disponível em: <https://asianethnology.org/downloads/ae/pdf/a1755.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2021.

Kovács, M. J. (2012). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kovács, M., Vaiciunas, N. & Alves, E. G. R. (2014). Profissionais do Serviço Funerário e a Questão da Morte. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 34 (4), 940-954. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000400940&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 23 set. 2017. <https://doi.org/10.1590/1982-370001272013>.

Kübler-Ross, E. (1994). *Sobre a morte e o morrer* (6ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Leal, A., Benoti, A. & Kimura, A. (Dir.). (2014). *Operários da morte*. [Filme]. Campinas: Laboratório de Imagens e Som. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2eZHEpks6uE>. Acesso em: 25 jun. 2017.

Lima, C. (2005, março). Do conceito ao diagnóstico de morte: controvérsias e dilemas éticos. *Revista da Sociedade Portuguesa de Medicina Interna*, 12 (1), 6-10. Disponível em: https://www.spmi.pt/revista/vol12/vol12_n1_2005_06-10.pdf. Acesso em: 12 set. 2017.

Lopes, E. L. da R. (2017). *Rituais funerários: O além-morte na percepção da sociedade egípcia antiga*. [Monografia de Especialização *Lato Sensu*, Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro]. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/historia/rituais-funerariosalem-morte-na-percepcao-sociedade-egipcia.htm>. Acesso em: 28 mar. 2021.

Magalhães, M. V. & Melo, S. C. de A. (2015, abril). Morte e Luto: o sofrimento do profissional da saúde. *Psicologia e Saúde em Debate*, 1 (1), 65-77. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/7>. Acesso em: 28 mar. 2021.

Melo, Á. A. (2016, agosto a dezembro). Ressignificação da Morte: uma reflexão sociológica sobre o filme "A Partida". *Revista Café com Sociologia*, 5 (3), 34-42. Disponível em: <https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/669>. Acesso em: 28 mar. 2021.

Meneses, E. de A. *et al.* (2010). Análise bioética do diagnóstico de morte encefálica e da doação de órgãos em hospital público de referência do Distrito Federal. *Revista Bioética*, 18 (2), 327-412. Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/572/0. Acesso em: 28 mar. 2021.

Minayo, M. C. S., Deslandes, S. F. & Gomes, R. (org.). (2010). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (29ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Morin, E. M. (2001) Os sentidos do trabalho. *Revista de Administração de Empresas*, 41 (3), 8-19. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v41n3/v41n3a02.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2021. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902001000300002>.

Mourthé Junior, C. A., Lima, V. V. & Padilha, R. de Q. (2017), Integrando emoções e racionalidades para o desenvolvimento de competência nas metodologias ativas de aprendizagem. *Interface*, 22 (65), 577-588. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/icse/v22n65/1807-5762-icse-1807-576220160846.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2017. <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0846>.

Nascimento, C. A. D. do *et al.* (2006, janeiro a abril). A significação do óbito hospitalar para enfermeiros e médicos. *Rev RENE*, 7 (1), 52-60. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/5369>. Acesso em: 28 mar. 2021.

Pazin-Filho, A. (2005). Morte: Considerações para a prática médica. *Medicina*, 38 (1), 20-25. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rmrp/article/view/419>. Acesso em: 25 jun. 2017. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.v38i1p20-25>.

Petruski, M. R. (2008, setembro a outubro). Cemitério Municipal São José: um espaço da Egiptomania em Ponta Grossa. *História, imagem e narrativas*, 3 (7), 2-18.

Ribas, V. & Gomes, F. A. (2012). Trabalhadores da morte: dilemas éticos. *O Mundo da Saúde*, 36 (1), 86-89. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/trabalhadores_morte_dilemas_eticos.pdf. Acesso em: 28 mar. 2021. <https://doi.org/10.15343/0104-7809.20123618689>.

Roca-Roger, M. *et al.* (2016). Producciones artísticas en el aprendizaje de la enfermería. *FEM – Revista de la Fundación Educación Médica*, 19 (1), 13-18. Disponível em: <http://scielo.isciii.es/pdf/fem/v19n1/original1.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2017. <https://doi.org/10.33588/fem.191.818>.

Rodrigues, J. C. (2006). *Tabu da Morte*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. <https://doi.org/10.7476/9788575413722>.

Rohr, R. V. *et al.* (2016). Imagens artísticas como recurso pedagógico na ampliação do processo crítico e reflexivo sobre a saúde humana. *Anais do Décimo segundo Congresso Internacional da Rede Unida*. Associação Brasileira da Rede Unida. Disponível em: <http://conferencia2016.redeunida.org.br/ocs/index.php/congresso/2016/paper/view/5891>. Acesso em: 09 nov. 2017.

Ruiz, E. M. *et al.* (2005). Percepções da morte e do morrer em agentes funerários: um estudo sobre identidade. *Anais da 57ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*. Fortaleza: SBPC. Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/SENIOR/RESUMOS/resumo_2902.html. Acesso em: 30 nov. 2017.

Salomé, G. M., Cavali, A. & Espósito, V. H. C. (2009, setembro a outubro). Sala de Emergência: o cotidiano das vivências com a morte e o morrer pelos profissionais de saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 62 (5), 681-686. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v62n5/05.pdf>. Acesso em: 16 set. 2017. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672009000500005>.

Silva, E. F. da, Lopes, H. L. & Silva, A. P. L. da. (2015). O trabalho vivo de profissionais que lidam com a morte. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 18 (1), 61-76. Disponível em: <http://pepsic.org>.



bvsalud.org/pdf/cpst/v18n1/a05v18n1.pdf. Acesso em: 17 ago. 2017. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v18i1p59-74>.

Silva, F. L. de L., Souza, P. C. Z. de, Araújo, A. J. da S. & Pinto, F. do M. (2016, janeiro a março). Estigmatização e Riscos no Trabalho dos Necrotomistas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32 (1), 133-141. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/18037/17398>. Acesso em: 29 mar. 2021.

Silva, W. M. (2019). *Riscos à saúde e segurança do trabalho de coveiros e auxiliares em dois cemitérios municipais de Curitiba-PR*. 2019. [Monografia de Conclusão de Curso, Universidade Tecnológica Federal do Paraná]. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/12897/1/CT_CEEEST_XXXVII_2019_42.pdf. Acesso em: 05 jul. 2021.

Siqueira-Batista, R. & Schramm, F. R. (2004, maio a junho). A filosofia de Platão e o debate bioético sobre o fim da vida: interseções no campo da Saúde Pública. *Cadernos de Saúde Pública*, 20 (3), 855-865. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v20n3/23.pdf>. Acesso em: 18 out. 2017. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2004000300023>.

Siqueira-Batista, R. & Schramm, F. R. (2004). Eutanásia: Pelas veredas da morte e da autonomia. *Ciência Saúde Coletiva*, 9 (1), 31-41. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v9n1/19821.pdf>. Acesso em: 18 out. 2017. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232004000100004>.

Souza, K. C. C. de & Boemer, M. R. (1998). O significado do trabalho em funerárias sob a perspectiva do trabalhador. *Saúde e Sociedade*, 7 (1), 27-52. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sausoc/v7n1/03.pdf>. Acesso em: 22 set. 2017. <https://doi.org/10.1590/S0104-12901998000100003>.

Takita, Y. (2008). *A Partida*. [Filme]. São Paulo: Paris Filmes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vKMsWb-6EWE&t=3s>. Acesso em: 26 set. 2017.

Talamoni, A. C. B. (2012). *No anfiteatro da anatomia: o cadáver e a morte*. São Paulo: Cultura Acadêmica. Disponível em: https://www.clp.unesp.br/Home/Pesquisa9/GruposdePesquisa/grupogepibe/no_anfiteatro_da_anatomia-web.pdf. Acesso em: 09 jul. 2021.

Tapajós, R. (2002). A introdução das artes nos currículos médicos. *Interface*, 6 (10), 27-36. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/icse/v6n10/03.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2017. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832002000100003>.

Veras, L. & Soares, J. C. (2016). Aqui se jaz, aqui se paga: a mercantilização da morte. *Psicologia & Sociedade*, 28 (2), 226-236. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v28n2/1807-0310-psoc-28-02-00226.pdf>. Acesso em: 13 set. 2017. <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p226>.

Vilela, T. (Dir). (2013). *Tabu Brasil: cadáveres*. [Filme]. Brasil: National Geographic Channel. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mHxP3zyFb8>. Acesso em: 26 jun. 2017.

Warner, J. H. (2009). Witnessing Dissection: Photography, Medicine, and American Culture. In J. H. Warner & J. M. Edmonson. *Dissection: Photographs of a Rite of Passage in American Medicine: 1880-1930* (pp. 7-29). New York: Blast Books.

Recebido em: 14 de setembro de 2020

Aprovado em: 17 de março de 2021

